

REVISTA DE  
**HISTÓRIA**  
DAS IDEIAS



IBÉRIA

VOLUME 31, 2010

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## DA IBÉRIA À HISPÂNIA, DA ESPANHA À IBÉRIA

Se consultarmos a célebre *Enciclopedia Espasa*, a mais completa e prestigiada enciclopédia publicada em língua espanhola, e procurarmos o verbete referente a Ibéria encontramos, entre outras definições do vocábulo não directamente relacionadas com o tema deste artigo, a seguinte definição:

*"Geog. ant.* Uno de los nombres con que fue conocida primero la parte oriental y después toda España por los antiguos y que se aplicó también a la parte O. y S. de Europa, donde habitaron los iberos. Modernamente aún se usa alguna vez para designar toda la Península sin distinción de Estados"<sup>(1)</sup>.

A enunciação é significativa porque reveladora do escasso apreço das elites políticas e culturais de Madrid pela palavra Ibéria, para designar o conjunto da Península onde têm hoje assento dois estados independentes: Espanha e Portugal.

Na realidade, Ibéria (a terra dos iberos) foi o nome atribuído pelos gregos, primeiro a uma parte e posteriormente a toda Península mais ocidental da Europa, termo que seria posteriormente substituído por aquele que foi utilizado pelos romanos, Hispania, cuja etimologia ainda se discute. \*<sup>1</sup>

\* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

<sup>(1)</sup> *Enciclopedia Ilustrada Europeo-Americana*, tomo XXVIII (Primera Parte), Madrid, Espasa-Calpe, 1995, p. 819.

Depois da romanização da actual Península Ibérica, o vocábulo *Hispania*, que daria Espanha (ou España, ou Espanya) nos dialectos constituídos a partir do latim vulgar, iria impor-se por completo como nome do território mais ocidental do antigo Império Romano. Durante a Idade Média é sempre por Espanha que este território é designado - por exemplo na *Crónica Geral de Espanha de 1344*<sup>(X)</sup> e noutras crónicas da época -, coabitando essa designação para o conjunto da Península com os nomes particulares de cada um dos reinos que saíram do processo da Reconquista Cristã: Astúrias, Leão, Castela, Navarra, Aragão ou Portugal.

Mesmo depois da fusão - na sequência do casamento daqueles que viriam a ser os Reis Católicos, Isabel e Fernando -, de Castela com Aragão, a que se seguiu a anexação de Navarra e Granada, a palavra Espanha continuou a designar toda a Península, como poderemos comprovar na literatura da época e na dos tempos subsequentes.

Assim, n'Os *Lusíadas*, a actual Península Ibérica é sempre designada por Espanha, sendo Portugal apenas uma das nações constituintes desse território, como se pode constatar na famosíssima passagem em que Vasco da Gama descreve a Europa ao rei de Melinde, concluindo justamente com a descrição da Espanha:

"Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
Como cabeça ali de Europa toda [...]"  
(Canto III, 17)

Uma Espanha composta de nacionalidades, que identifica (o Tarragonês, o Navarro, o Asturiano, o Galego, o Castelhana, etc.), que rivalizam umas com as outras em grandeza e coragem:

"Com nações diferentes se engrandece,  
Cercadas com as ondas do Oceano;  
Todas de tal nobreza e tal valor  
Que qualquer delas cuida que é melhor".  
(Canto III, 18)<sup>1</sup>

(1) Também se usa por vezes o plural, sem que isso tenha qualquer relação com a diversidade de reinos medievais: "Dizem que as Espanhas som duas por que se partem em duas partes, e esto por o movymento e corrimento das chuyvas e dos ryos; poys dizemos que hũa Espanha he ao sol levante e a outra ao poente" (*Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol. II, Lisboa, IN-CM, 1984, p. 39).

Uma dessas nações, a mais ilustres de todas para o poeta, é evidentemente a nação portuguesa:

"Eis aqui, quási cume da cabeça  
De Europa toda, o Reino Lusitano,  
Onde a terra se acaba e o mar começa  
E onde Febo repousa no Oceano".  
(Canto III, 20)

Os portugueses são, pois, neste contexto, "üa gente fortíssima de Espanha" (Canto I, 31), temida por Baco, que receia que a sua fama seja ofuscada pelas vitórias dos navegadores lusos.

Ainda n'Os *Lusíadas*, podemos encontrar o vocábulo "Hispéria", como sinónimo de Espanha<sup>(2)</sup>, mas o que pode parecer mais estranho é que, a propósito da desventura de Afonso V na luta contra Isabel e Fernando, Camões se refira a "terra Ibéria"<sup>(3)</sup> como sinónimo de Castela:

"Mas Afonso, do Reino único herdeiro,  
Nome em armas ditoso em nossa Hespéria,  
Que a soberba do Bárbaro fronteiro  
Tornou em baixa e humílima miséria,  
Fora por certo invicto cavaleiro,  
Se não quisera ir ver a terra Ibéria.  
Mas África dirá ser impossíbil  
Poder ninguém vencer o Rei terríbil".  
(Canto IV, 54)

Na realidade, as nações históricas da Península, nascidas da Reconquista Cristã, tinham nessa época ainda bastante importância como factor de identidade. Essa importância está desde logo representada no brasão dos Reis Católicos, onde se congregam os emblemas dos reinos de

(2) Termo de origem grega, que significa "terra do Ocidente". A localização exacta da Hispéria (ou Hespéria) é ainda hoje uma questão em aberto.

(3) Esta confusão de Castela (ou do reino que viria a reunir Castela e Aragão) com a Ibéria tem seguramente a sua origem no facto de a historiografia e geografia gregas situarem o território ocupado pelos Iberos no Oriente e no Sul da Península. É, de resto, nesses territórios que são mais abundantes os vestígios arqueológicos claramente identificados como iberos.

Leão, Castela, Aragão e das Duas Sicílias, a que se acrescentaria a romã de Granada (granada é a palavra espanhola que designa esse fruto), conquistada em 1492. Felipe II (Filipe I de Portugal) adicionaria ao seu brasão, o escudo português.

Com a monarquia dual, faz ainda mais sentido entender a Península, submetida de novo a um único monarca, como Espanha, um estado imperial administrado a partir de Madrid, a capital escolhida por Felipe. No entanto, tanto Portugal como outros territórios *espanhóis* conservam algumas prerrogativas autonómicas e não desaparecem os sentimentos identitários de um *nacionalismo* mais estrito, nem as rivalidades por este alimentadas.

Numa das *novelas* cervantinas, a bruxa Claudia, que roubava crianças do sexo feminino para depois as vender (já crescidas) como se fossem sobrinhas suas, adverte a sua *sobrinha* Esperanza contra os tipos de gentes que podiam ser encontrados em Salamanca (principal cidade universitária espanhola e, por isso, um importante foco de atracção de pessoas provenientes de todas as partes da Península), atribuindo a cada *nação* uma personalidade:

"Los castellanos nuevos, teñios por nobles de pensamientos y que si tienen dan, y por lo menos si no dan no piden. Los extremeños, tienen de todo, como boticarios, y son como la alquimia, que si llega a plata, lo es, y si al cobre, cobre se queda. Para los andaluces, hija, hay necesidad de tener quince sentidos, no que cinco, porque son agudos y perspicaces de ingenio, astutos, sagaces y no nada miserables; esto y más tienen si son cordobeses. Los gallegos no se colocan en predicamento, porque no son alguien. Los asturianos son buenos para el sábado, porque siempre traen a casa grosura y mugre. Pues ya los portugueses, es cosa larga de describirte y pintarte sus condiciones y propiedades, porque, como son gente enjuta de cerebro, cada loco con su tema; mas la de casi todos es que puedes hacer cuenta que el mismo amor vive en ellos envuelto en lacería"<sup>(4)</sup>.

É difícil saber até que ponto os preconceitos *fictícios* de Claudia, aqui expostos por Cervantes, correspondem à opinião generalizada dos

<sup>(4)</sup> Miguel de Cervantes, "La tía fingida", in *Obras completas*, vol. I, Madrid, Aguilar, 2003, p. 892.

castelhanos sobre os seus vizinhos peninsulares. Valha-nos a consolação de Esperanza, que é a heroína do relato e a personagem que goza da simpatia do autor, considerar estes juízos completamente desprovidos de fundamento, pois para ela (e o seu nome não será seguramente arbitrário) todos os homens são igualmente providos de alma e feitos de carne e osso.

Também para os dramaturgos do "Siglo de Oro", como é evidente, os conceitos de Espanha e de espanhol abarcam a totalidade da Península, e, por isso, tanto nas comédias de carácter histórico como nas mítico-lendárias, de autores como Lope de Vega, Calderón de la Barca ou Tirso de Molina os temas de origem portuguesa convivem com os castelhanos, leoneses ou aragoneses. "Lope de Vega, como casi todos los españoles del Siglo de Oro, tenía para su conciencia hispánica un sentido profundamente peninsular"<sup>(5)</sup>, escreveu José María Viqueira, um antigo leitor da Universidade de Coimbra. Deste modo, Ibéria não era ainda nesse momento um conceito alternativo nem necessário.

Duas das comédias lopescas de tema português ilustram na perfeição esta definição do português como integrante do espanhol: *La tragedia del Rey Don Sebastian y bautismo del Principe de Marruecos* e *El Brasil restituído*. Na primeira, recria-se o episódio histórico da batalha de Alcácer Quibir, em Marrocos, conduzida pelo rei português D. Sebastião, que conta com o auxílio de cavaleiros espanhóis. Na visão idealizada de Lope os povos dos dois estados peninsulares lutam como irmãos, plenamente identificados como espanhóis desde o início da batalha. Assim se dirige o *Alférez Mayor* ao *Rey Sebastián*:

"Contra tus armas cristianas  
¿qué podrán las sarracinas?  
Con lo que en ellas se ve,  
¡oh Portugués Josué,  
y nuevo Pirro Español,  
podrás detener el sol  
en la verdad de su fe"<sup>(6)</sup>.

<sup>(5)</sup> José María Viqueira Barreiro, *El lusitanismo de Lope de Vega y su comedia "El Brasil restituído"*. *Estudio bio-biblio gráfico, notas y comentarios*, Coimbra, FLUC-Coimbra Editora, 1950, p. 153.

<sup>(6)</sup> Lope de Vega, *La tragedia del Rey Don Sebastián y bautismo del Principe de Marruecos*, in *Obras*, vol. XXVII, Madrid, Ediciones Atlas, 1969, pp. 135-136.

A mesma percepção da identidade comum dos povos peninsulares surge na voz dos mouros seus aliados:

"Albacarín: ¡Oh que bellísima armada!  
Jeque: ¡Bizarra gente española!"<sup>00</sup>

Na comédia *El Brasil restituído*, Lope chega mesmo ao proselitismo "hispanista", defendendo, pela boca da personagem alegórica Brasil a necessidade da união entre Castela e Portugal, configurando juntas a Espanha. O contexto é a luta contra a invasão holandesa da Baía ocorrida em 1624:

"Aquí las alegres salvas  
destas dos fuertes naciones,  
que, por nueva unión hermanas,  
la emulación de sus glorias  
hace parecer contrarias,  
fue, con notable alegría,  
porque fuera Lusitania  
única, a no haber Castilla,  
por las letras y las armas,  
y si Portugal no hubiera,  
Castilla por Fénix rara  
se celebrara en el mundo;  
pero juntándose entrambas,  
no digo yo mi conquista,  
pero aquella piedra santa  
que fue sepulcro de Cristo,  
fuera victoria de España"<sup>7(8)</sup>.

Não existe ainda, portanto, qualquer distinção ou oposição entre Portugal e Espanha, mas apenas entre Portugal e Castela, como podemos constatar nas palavras de outra personagem alegórica, Herejía: "¿Qué pensaba el español, / portugués y castellano?"<sup>(9)</sup>.

<sup>(7)</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>(8)</sup> Lope de Vega, *El Brasil restituído*, in José María Viqueira Barreiro, *ob. cit.*, p. 295, versos 105-121.

<sup>(9)</sup> *Ibidem*, p. 318, versos 735-736.

Excelente conhecedor da realidade portuguesa, Tirso de Molina, por seu lado, compreende perfeitamente que, apesar da unidade fundamental da Península, é historicamente inegável a existência de uma rivalidade exacerbada entre portugueses e castelhanos. Assim, na comédia intitulada *El amor médico*, quando D. Gaspar comunica a D. Gonzalo que pretende ir para o Oriente na armada portuguesa, este aconselha-o a não se juntar aos portugueses e que prefira as índias espanholas:

"Ya que os embarquéis, gozad  
Entre gente castellana  
Preñeces de plata pura;  
Pues sabéis que Portugal  
Siempre se ha llevado mal  
Con Castilla.<sup>(10)</sup>

Com a recuperação da independência de Portugal, em 1640, por um lado, e a consolidação por outro do nome de Espanha para designar o restante território peninsular, ia fazendo cada vez menos sentido utilizar o vocábulo com uma extensão semântica variável, isto é, tanto designando toda a Península mais ocidental da Europa como apenas uma parte dela. Apesar disso, é só a partir do século XVIII, uma época marcada por uma grande influência francesa e consequentemente também pela perda de coesão cultural no território peninsular, que se vai impondo, como alternativa a Espanha, a designação de Ibéria, Península Ibérica, Península Hispânica ou apenas Península. Ao contrário do que ainda sucedia no século XVII, os escritores portugueses abandonam o culto do idioma castelhano e as companhias de teatro espanholas deixam de circular por Portugal, onde apresentavam um repertório idêntico àquele que levavam a qualquer outro território peninsular.

Não deixa, entretanto, de ser significativo que um grupo de cerca de quinhentos malaguenhos tenha dado o nome de Nueva Iberia a uma cidade por eles fundada na Luisiana em 1779, e que ainda hoje se chama oficialmente New Iberia.

É, portanto, no século XIX, e particularmente na sua segunda metade, que o termo Ibéria se imporá definitivamente, passando em geral Espanha <sup>10</sup>

<sup>(10)</sup> Tirso de Molina, *El amor médico*, in *Comedias escogidas*, Madrid, Librería y Casa Editorial Hernando, 1930, p. 384.



a identificar apenas o Estado cujos alicerces haviam sido lançados pelos Reis Católicos. Mas como iremos ver, essa designação, tal como o seu derivado *ibérico*, será sobretudo adoptada pelas nacionalidades periféricas, enquanto na Meseta se preferirá falar ambigualmente de Península e se chamará hispânico aquilo que já não pode ser apelidado de espanhol. É também evidente a associação entre a adopção do nome Ibéria para referenciar o território mais ocidental da Europa e o Iberismo federalista que conheceria um extraordinário desenvolvimento na segunda metade do século XIX<sup>(11)</sup>.

A publicação em 1851 do livro *Estudos sobre a reforma em Portugal*, de J. F. Henriques Nogueira, constituirá um importante momento de afirmação do republicanismo federalista, porque, consciente da dificuldade de Portugal se impor por si só no concerto das nações, não hesita em proclamar que gostaria que o seu país "procurasse na FEDERAÇÃO com outros povos peninsulares a força, a importância e a verdadeira independência que lhe faltam na sua tão escarnecida nacionalidade."<sup>(12)</sup> De Povos Peninsulares e não de Ibéria falará Henriques <sup>11 12</sup>

<sup>(11)</sup> Recorda-nos Gabriel Magalhães uma *farpa* de Ramalho Ortigão, de 1871, intitulada "A festa do Primeiro de Dezembro", na qual a "ramalhal figura" demonstra não vislumbrar qualquer diferença entre ibérico e iberista. Ou seja, ser ibérico era, para o companheiro de Eça na redacção de *As Farpas*, exactamente o mesmo que ser partidário da união ibérica. Assim se pronunciava Ramalho Ortigão a propósito de Fernández de los Ríos, que foi embaixador de Espanha em Portugal, tendo procurado convencer Fernando II, viúvo de D. Maria II a aceitar o trono de Castela, que ficara vago depois da expulsão de Isabel II: "É ibérico ou não ibérico o Sr. Fernández de los Rios? Se não é ibérico, deve ser demitido porque tem sido tão inábil que tem desprestigiado completamente a sua influência, fazendo-se passar por aquilo que não tem propósito nem proveito de ser. § Se é ibérico, que conquistas deu ao seu partido? Que simpatias adquiriu à sua causa? Que opiniões subjugou? Que inimigos venceu? Que adeptos reuniu? Finalmente, para que o digamos numa palavra sincera que Felipe II adoptaria, vejctmos: que compras tem feito? Nenhuma. Ora, ao tempo a que o Sr. Fernández de los Rios iberiza no seu palácio da Rua das Chagas, o seu predecessor Cristóvão de Moura tinha comprado o país inteiro". *Apud* Gabriel Magalhães, "Visita guiada à casa ibérica (1801-1900)", in *RELIPES. Relações Linguísticas e Literárias entre Portugal e Espanha desde o Início do Século XIX até à Actualidade*, Salamanca, UBI-Celya, 2007, p. 94.

<sup>(12)</sup> J.F. Henriques Nogueira, *Estudos sobre a reforma em Portugal*, Lisboa, Tipografia Social, 1851, p. XIV.

Nogueira, como também mais tarde Antero de Quental, quando redige *As causas da decadência dos povos peninsulares*. O vocábulo Ibéria, no entanto, estava prestes a conhecer a sua consagração com a doutrina, também iberista mas monárquica, exposta por Sinibaldo de Mas no livro intitulado *La Ibéria*, que se publicaria primeiro na tradução portuguesa do que no original castelhano em 1851 ou 1852<sup>(13)</sup>. No seu livro, Sinibaldo de Mas, um diplomata espanhol de origem catalã, que residiu temporariamente em Macau, refere-se ao território que os romanos haviam designado por *Hispania* como Ibéria, Península Ibérica ou simplesmente de Península. A sucessão de edições da obra e também as várias manifestações impressas em Portugal repudiando a união ibérica (sobretudo visíveis nos anos 60)<sup>(14)</sup> ajudaram sem dúvida a vulgarizar o vocábulo.

Recomeçava o temor da "invasão espanhola", alvo da troça de João da Ega, nos *Maias* de Eça de Queirós. A "invasão espanhola" era para o amigo de Carlos a única forma de forçar a regeneração de Portugal. E, no final, talvez a Espanha se contentasse com "uma grossa indemnização" e com a ocupação de "uma ou duas províncias"<sup>(15)</sup>. Também a Associação I.º de Dezembro não escapa ao desdém da personagem queirosiana: "Um receio tão estúpido [o da perda da independência] é digno só de uma sociedade tão estúpida como a do Primeiro de Dezembro"<sup>(16)</sup>.

Em 1854, surgia em Madrid o diário liberal *La Iberia* (publicar-se-ia até Janeiro de 1898) e, nos anos seguintes, outras publicações periódicas faziam igualmente uso do nome que os gregos haviam imputado à Península. A designação não era inócua e, por isso, não admira que, tanto na *Revista Ibérica de Ciências, Política, Literatura, Artes e Instrucción Pública*

<sup>(13)</sup> O volume apresenta o ano de 1852 como data de edição, mas é o próprio Sinibaldo de Mas, que, na "Advertencia" à edição espanhola de 1854 (Madrid, Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra, p. 4), refere que o livro se publicou pela primeira vez, em Lisboa, em Dezembro de 1851.

<sup>(14)</sup> Foi para obstaculizar o projecto iberista que os nacionalistas portugueses fundaram, em 24 de Maio de 1861, a "Associação I.º de Dezembro", à qual pertenceram, entre outras figuras ilustres, José Estêvão e Alexandre Herculano. Cf. Fernando Catroga, "Nacionalismo e ecumenismo. A questão ibérica na segunda metade do século XIX", *Cultura. História e Filosofia*, vol. IV, 1985, pp. 437-444.

<sup>(15)</sup>Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, 2003, p. 167.

<sup>(16)</sup>*Ibidem*.

(1861-1863) como em *La Ilustración Ibérica* (1883-1898) ou na efémera *Revista Ibérica de política, literatura, ciencias y artes* (1883) - onde Clarín publicou um importante artigo sobre O *primo Basilio*, de Eça de Queirós - os temas portugueses tenham marcado urna significativa presença. As consultas dos catálogos das bibliotecas nacionais de Portugal e Espanha permitem também concluir que, se não há títulos de publicações periódicas que ostentem o nome de Ibéria antes de meados do século XIX, também não encontramos, antes da mesma época, quaisquer livros que mostrem na sua capa a palavra Ibéria ou as designações de "Península Ibérica" ou "Península Hispânica" (esta ainda mais rara e mais tardia). Abundam, pelo contrário, como é obvio, os livros e outros materiais gráficos que se ocupam da *Hispania*, *Hespanha*/*Hespaña* ou *Espanha*/*España*.

Já referimos Antero, a propósito do texto com que o poeta participa, em 1871, nas Conferências do Casino Lisbonense. Mas muito antes disso já o autor dos *Sonetos* dera expressão a um iberismo militante, de que mais tarde se penitenciaria, tanto no poema intitulado "Ibéria", de 1864 (onde a Espanha já não é a mãe comum, mas sim a irmã de Portugal)<sup>(17)</sup>, como no opúsculo em que aplaudia a Revolução espanhola de 1868 (a *Gloriosa*), *Portugal perante a revolução de Espanha*.

Mas nem todos os partidários da União Ibérica eram tão pacientes como os federalistas, que acreditavam que as nacionalidades ibéricas acabariam por se associar voluntariamente. Não faltava em Espanha quem entendesse que a autonomia de Portugal não fazia o mínimo sentido ou mesmo quem advogasse que a reunificação política da Península podia ser feita pela via da ocupação militar. Contra esses exageros, nomeadamente os de Pio Gullón, autor de *La fusión ibérica*, escreveu Juan Valera o artigo "Espanha y Portugal" (1861, *El Contemporáneo*). Escreveria também, em 1887, uma recensão da *História da civilização ibérica*, como forma de agradecimento a Oliveira Martins, que lhe dedicara a 3.<sup>a</sup> edição da obra. O seu pensamento profundo, no entanto, não o expõe na recensão, mas sim na correspondência privada

<sup>(17)</sup> "Espanha — irmã! que boda alegre a nossa! / Como hão-de então teus seios palpitar! / Que ribeira de lágrimas tão grossa / Teu branco véu de noiva há-de estancar!" (Antero de Quental, *Poesia completa*, Lisboa, Planeta De Agostini, 2003, p. 455).

com Menéndez Pelayo, de cuja leitura se depreende que o autor de *Pepita Jiménez* não é propriamente um iberista, mas um reunificador centralista:

"Estoy escribiendo sobre la *Historia de la civilización ibérica*, de Oliveira Martins. Bien mirado, vale poco el libro; pero conviene alabar el espíritu ibérico, o dígase español, con que está escrito y que tan buena contraposición hace con el absurdo *catalanismo* que nos ha salido ahora, para que nada nos falte. Yo, además, creo deber a Oliveira Martins un elogio grande en pago de su dedicatoria"<sup>(18)</sup> 19.

O erudito santanderino é, apesar de tudo, mais simpático na sua apreciação da obra martiniana, confessando-se apreciador do estilo de Oliveira Martins:

"Pienso como Vd. respecto del libro de Oliveira Martins. No es profundo ni a veces muy exacto, pero está escrito de un modo generoso y simpático. La segunda parte, o sea la *Historia de Portugal*, vale más que la *Historia de la civilización ibérica*. [...] Además, es un escritor ameno y brillantísimo, y se deja leer con gusto hasta cuando se equivoca. Tiene buen entendimiento y vasta cultura, pero suele trabajar de segunda mano y fiarse de cualquiera en asuntos de erudición y de historia."<sup>(19)</sup>

Na verdade, o livro de Oliveira Martins, *Historia da Civilização Ibérica*, cuja primeira edição se publicou em 1879, também contribuiria para promover a utilização do vocábulo "ibérico" como substituto do significado antigo de espanhol.

Contudo, Oliveira Martins não nos fala da Ibéria no seu livro, mas de Espanha, da Península e dos... espanhóis. A referência à civilização ibérica justifica-se pela sua crença de que os iberos, aparentados aos berberes, constituem o substrato da população peninsular, a que se foi juntando o elemento celta, romano ou germânico. E é esse substrato ibérico que responsabiliza pelo *génio* espanhol e pelas dificuldades da Península em adaptar-se à moderna sociedade burguesa. Como figuras representativas desse génio peninsular, destaca os místicos, Santo Inácio de Loyola ou Camões. Compreende-se que Oliveira Martins não fale da

<sup>(18)</sup>Carta de 3 de Agosto de 1887, in Marcelino Menéndez Pelayo, *Epistolario*, vol. VIII, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1985, p. 478.

<sup>(19)</sup>*Ibidem*, p. 480. Carta de 7 de Agosto de 1887.

Ibéria, porque ele não era politicamente iberista. Advogava, portanto, a continuidade da existência dos dois países ibéricos, apesar da unidade civilizacional que no seu conjunto constituíam, e que entendia que tinha atingido a sua expressão máxima na epopeia camoniana: "A Portugal coube uma vez a honra de ser o intérprete da civilização peninsular perante o Mundo. Esse livro, brasão da historia de toda a Espanha, e acta imorredoura da nossa existência nacional, é o poema de Camões, *Os Lusíadas*"<sup>(20)</sup>.

Dada esta estreita associação entre o iberismo e a utilização do vocábulo Ibéria, não surpreende que tenham sido os federalistas que mais rapidamente passaram a utilizar esse termo em substituição de Espanha. Por outro lado, é igualmente óbvio que o federalismo teve sobretudo aceitação nas zonas linguística e culturalmente periféricas, especialmente na Catalunha e na Galiza. Através da recomposição federal da Espanha, agora designada por Ibéria, seriam recuperados os equilíbrios que a hegemonia castelhana tinha pulverizado. Mas mesmo entre estas duas nacionalidades históricas há diferenças assinaláveis; enquanto para os catalães Portugal é uma realidade distante e não absolutamente fundamental para a valorização da língua e da cultura catalãs num estado federal, para os primeiros nacionalistas galegos, os homens do *Rexurdimento*, a existência de Portugal e a sua história constituíam um motivo de orgulho, porque entendiam que, através dos seus irmãos do sul, o idioma galego, maltratado e desprezado por Castela, tinha sido elevado a uma situação de grande dignidade e levado para os quatro cantos do mundo. Através desta ligação privilegiada entre portugueses e galegos, uma boa parte dos iberistas de além-Minho, como sucede com o poeta Eduardo Pondal, sentem-se protagonistas da reunificação peninsular e entendem que a recomposição federal da Ibéria deveria ser acompanhada da reunificação nacional do Ocidente peninsular:

"¿Cuál era, en realidad, el 'proyecto' pondaliano: la reunificación de Portugal a Galicia, o la incorporación del país vecino a un nuevo estado que acogiese a la totalidad de Iberia? [...] No se trata de lo uno o lo otro,

<sup>(20)</sup> Oliveira Martins, *Historia da Civilização Ibérica*, 12.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Guimaráes Editores, 1994, p. 257.

sino de ambas cosas *a la par*. Pondal, por tanto, preconizaría la unión de Portugal a Galicia y *al mismo tiempo*, a una unidad ibérica mayor"<sup>(21)</sup>.

Tratando-se, portanto, de um iberismo algo interesseiro, porque colocado ao serviço de interesses nacionalistas, talvez não surpreenda que apareçam na obra poética de Eduardo Pondal acepções do termo Iberia muito próximas da que referimos a propósito de *Os Lusíadas*, ou seja, de uma Ibéria geograficamente situada no centro e no sul da Península, contrastando com o carácter celta e suevo do noroeste peninsular<sup>(22)</sup>.

Esta ideia de uma fusão entre Portugal e a Galiza, vistos como uma única nação a que a constituição do Condado Portucalense havia posto cobro, era assim entendida como uma espécie de caução que também não desagradava aos federalistas republicanos portugueses, como Teófilo Braga que, no prefácio a *Iberisme*, de Ignasi de Ribera i Rovira (Barcelona, 1907), repudia a ideia de uma união ibérica fundada numa união dinástica, para defender um confederação assente na associação das três nacionalidade orgânicas da Península: a Galaico-Portuguesa, a Castelhana e a Catalã<sup>(23)</sup>.

Também na Catalunha o iberismo está estritamente associado ao nacionalismo. Para além de políticos tão influentes como Francesc Pi i Margal e Estanislao Figueras, ambos federalistas e efémeros presidentes da efémera Primeira República espanhola, merecem destaque, pela sua forte ligação a Portugal, o poeta modernista Joan Maragall e o lusista

<sup>(21)</sup> Andrés José Pociña López, "Portugal en la obra de Eduardo Pondal", in Ángel Marcos de Dios (ed.), *Aula Ibérica*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2007, p. 223.

<sup>(22)</sup> "Nós somos alanos, / E celtas e suevos, / Mas non castellanos, / Nos somos gallegos. / Seredes iberos, / Seredes do demo. / Nos somos dos celtas, / Nos somos gallegos. / / Se son castellanos, / Se son dos iberos, / Se son dos alarbios / E mouros, e eso / Da súa prosápia / Os fai ben contentos: / Que sean quen queiran / E os veigan os demos. / Nós somos do norte, / Nos somos dos suevos, / Nós somos dos celtas, / Nós somos gallegos. / / [...] Vós sodes dos cingaros, / Dos rudos iberos, / Dos vagos gitanos, / Da gente do inferno; / Dos godos, dos mouros / E alarbios; q'aínda / Vos leven os demos. / Nós somos dos galos, / Nós somos dos suevos, / Nós somos dos francos, / Romanos e gregos. / Nós somos dos celtas. / Nós somos gallegos" (Eduardo Pondal, *Novos poemas*, Vigo, Galaxia, 1971, pp. 35-37).

<sup>(23)</sup> Cf. Félix Cucurull, *Dos pobles ibèrics (Portugal i Catalunya)*, Barcelona, Editorial Selecta, 1967, pp. 78-79.

Ribera i Rovira, já referido a propósito do seu livro *Iberisme*, que Mário de Sá-Carneiro pôde conhecer durante a sua estadia em Barcelona em 1914. Sá-Carneiro descobriu que Ribera i Rovira tinha lido e apreciava os seus livros e, em carta a Fernando Pessoa, classifica-o deste modo:

"Grau de Lepidopeteria: -20  
Grau de amabilidade: +20  
Sinais particulares: bonito homem  
Observações: advogado e director de El Poblé Catalá"<sup>(24)</sup> \*.

Maragall foi, na Catalunha, o grande poeta da Ibéria, merecendo destaque o seu "Himne Ibèric" (1906), que tem uma estrofe dedicada à Lusitânia:

"La dolça Lusitânia - a vora del mar gran,  
les ones veu com vánen - i els astres com se'n van;  
sonnia mons que brollen - i mons que ja han fugit.  
Li van naixent els somnis - de cara a Linfinit.  
Per'xô está trista - però amb dolçor:  
Lusitânia! Lusitânia!  
Esperança... amor.../"<sup>(25)</sup>.

E que termina com uma exortação à Ibéria:

"Terra entre mars, Ibèria, mare aimada,  
tots els teus fills te fern la gran cançó.  
En cada platja fa son cant l'onada,  
mes terra endins se sent un sol ressô,

que de Lun cap a Laltre a amor convida  
i es va tornant un cant de germanor;  
Ibèria! Ibèria! et ve dels mars la vida,  
Ibèria! Ibèria! dona ais mars Lamor"<sup>(26)</sup>.

<sup>(24)</sup> Mário de Sá-Carneiro, *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. II, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Ática, 1992, p. 11.

<sup>(25)</sup> Joan Maragall, *Antologia Poética*, 2.<sup>a</sup> ed., Barcelona, Editorial Selecta, 1967, p. 120.

<sup>(26)</sup> *Ibidem*, p. 122.

Regressando a Portugal, ainda que os portugueses já não admitissem ser confundidos com os espanhóis, para quem via a realidade de fora, os habitantes da Península continuavam a ser todos igualmente espanhóis. Na longa carta de Carlos a Joaninha, que encontramos nas garrettiana *Viagens na minha Terra*, o primo da menina dos rouxinóis, conta que as três jovens irmãs britânicas com que *flartava* enquanto viveu na Inglaterra atribuíam a sua exagerada sensualidade à *ardência* do seu "sangue espanhol"<sup>(27)</sup> 28.

Outro exemplo, dos muitos que poderiam ser invocados, é a entrevista concedida por Émile Zola ao jornalista espanhol Rodrigo Soriano, em San Sebastián, publicada na *Revista de España*. Zola, que não conhecia bem qualquer idioma estrangeiro, quer, apesar de tudo, impressionar o seu interlocutor com o pouco que conhece de Espanha. Eis o resultado:

De *España* también me ha visitado un literato *portugués* cuyo nombre no recuerdo. Es naturalista...

- ¿Eça de Queirós? - preguntamos.

- Él mismo. ¡Si vieran ustedes que muchacho tan simpático y tan fino!

Es una buena lección para los que creen que el naturalismo es el arte de los carboneros. Eça de Queirós tiene un libro que recuerda mi *Faute de l'abbé Mouret*"<sup>(28)</sup>.

Ficamos por aqui, uma vez que o propósito deste artigo era a determinação da época em que, na moderna história da península mais ocidental da Europa, foi retomada a designação de Ibéria para referir o conjunto da Península a que hoje chamamos Ibérica. Não pudemos, nem isso foi alguma vez o nosso objectivo, apontar com rigor a primeira ou as primeiras ocorrências do fenómeno, porque aquilo que nos pareceu verdadeiramente importante foi demonstrar como a recuperação do lexema Ibéria foi realizada de forma gradual, correspondendo, não apenas às transformações do sistema político e administrativo da Península, mas sobretudo à alteração do quadro mental associado a essas mudanças políticas, e potenciado pelo surgimento de sensibilidades nacionalistas que se julgariam submergidas pela lógica dinástica imposta na época medieval e no início da era moderna.

<sup>(27)</sup> Vide Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, Lisboa, IN-CM, 2010, p. 427.

<sup>(28)</sup> In Rodrigo Soriano, "Una conferencia con Emilio Zola", *Revista de España*, vol. CXXXVII, 1891, p. 351.



## Bibliografia

- CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Instituto Camões, 2003. Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão.
- CATROGA, Fernando, "Nacionalismo e ecumenismo. A questão ibérica na segunda metade do século XIX", *Cultura. História e Filosofia*, vol. IV, 1985, pp. 419-463.
- CERVANTES, Miguel de, "La tía fingida", in *Obras completas*, vol. I, Madrid, Aguilar, 2003, pp. 892. *Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol. II, Lisboa, IN-CM, 1984. Edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra.
- CUCURULL, Félix, *Dos pobles ibèrics (Portugal i Catalunya)*, Barcelona, Editorial Selecta, 1967.
- GARRETT, Almeida, *Viagens na minha terra*, Lisboa, IN-CM, 2010. Edição crítica de Ofélia Paiva Monteiro.
- MAGALHÃES, Gabriel, "Visita guiada à casa ibérica (1801-1900)", in *RELIPES. Relações Linguísticas e Literárias entre Portugal e Espanha desde o Início do Século XIX até à Actualidade*, Salamanca, UBI-Celya, 2007, pp. 47-124.
- MARAGALL, Joan, *Antologia Poética*, 2.<sup>a</sup> ed., Barcelona, Editorial Selecta, 1967. Edição de Caries Riba.
- MARTINS, Oliveira, *História da Civilização Ibérica*, 12.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1994.
- MAS, Sinibaldo de, *La Iberia. Memoria sobre la conveniencia de la unión pacífica y legal de Portugal y España*, 3.<sup>a</sup> ed., Madrid, Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra, 1954.
- MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino, *Epistolario*, vol. VIII, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1985.
- MOLINA, Tirso de, *El amor médico*, in *Comedias escogidas*, Madrid, Librería y Casa Editorial Hernando, 1930, pp. 381-401.
- NOGUEIRA, J.F. Henriques, *Estudos sobre a reforma em Portugal*, Lisboa, Tipografia Social, 1851.
- POCINA LÓPEZ, Andrés José, "Portugal en la obra de Eduardo Pondal", in Ángel Marcos de Dios (ed.), *Aula Ibérica*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2007, pp. 219-229.
- PONDAL, Eduardo, *Novos poemas*, Vigo, Galaxia, 1971.
- QUEIRÓS, Eça de, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, 2003.
- QUENTAL, Antero de, *Poesia completa*, Lisboa, Planeta DeAgostini, 2003.

- QUENTAL, Antero de, *Prosas Sócio-Políticas*, Lisboa, IN-CM, 1982. Edição de Joel Serrão.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de, *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. II, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Ática, 1992
- SORIANO, Rodrigo, "Una conferencia con Emilio Zola", *Revista de España*, vol. CXXXVII, 1891, pp. 226-232, 346-358 e 413-424.
- VEGA, Lope de, *La tragedia del Rey Don Sebastian y bautismo del Príncipe de Marruecos*, in *Obras*, vol. XXVII, Madrid, Ediciones Atlas, 1969, pp. 123-182. Edição de Marcelino Menéndez Pelayo.
- VIQUEIRA BARREIRO, José María, *El lusitanismo de Lope de Vega y su comedia "El Brasil restituído"* Estudio bio-bibliográfico, notas y comentarios, Coimbra, FLUC-Coimbra Editora, 1950.